

Diversão & Arte

cultura.df@dabr.com.br

3214-1178/3214-1179

Editor: José Carlos Vieira

josecarlos.df@dabr.com.br

CORREIO BRAZILIENSE

Brasília, domingo, 4 de janeiro de 2026

Divulgação



Pesquisador e
jornalista Tárik de
Souza: um novo
olhar sobre a Bossa
Nova

ENTREVISTA Tárik de Souza

Qual foi o grande acontecimento, na sua opinião, que marcou e possibilitou o surgimento da bossa nova?

Embora Johnny Alf (o criador do ponto de fusão entre o jazz e o samba) e João Donato (outro desbravador) já sedimentassem as mudanças através de composições como *Rapaz de bem* (Alf) e *Minha saudade* (Donato), foi a gravação de *Chega de saudade* de João Gilberto, de 1958, que deflagrou o fenômeno. Há diversos depoimentos no livro de artistas que foram despertados por este divisor de águas.

E qual foi o maior impacto da bossa nova na música brasileira?

A bossa promoveu uma reestruturação da MPB. Diogo que ela foi uma plataforma de experimentos de vanguarda das mais variadas procedências e matizes. Do *Samba esquema novo*, de Jorge Ben, a *Nova dimensão do samba*, de Wilson Simonal, os afro sambas de Baden Powell e Vinícius de Moraes, *Coisas*, de Moacir Santos, *Você ainda não ouviu nada*, de Sérgio Mendes, *Edison é samba novo* (Edison Machado) *Samba eu canto assim* (Elis Regina), *Avanço* (Tamba Trio), *Novas estruturas* (Luis Carlos Vinhas), *Samba nova geração* (Geraldo Vespar), *Nova geração em ritmo de samba* (Durval Ferreira, Claudette Soares, Eumir Deodato), *Jóia moderna* (Alaíde Costa) e assim por diante.

No início do livro, fica claro que a bossa nova não foi a invenção de um grupo restrito e muito menos o fenômeno de uma época muito específica, e sim um gênero cujo desenvolvimento começa muito antes e segue muito depois do que é considerado o seu auge na cronologia da música brasileira. Pode falar um pouco sobre a importância de se perceber a bossa nova a partir dessa perspectiva mais abrangente?

Vários artistas antecessores já delineavam dissidências da corrente principal como o canto coloquial de Mário Reis em oposição ao dô de peito vigente. No livro, transcrevo parte de um histórico artigo do ancestral compositor Sinhô, o primeiro "rei do samba", explicando como ensinou o discípulo a cantar "moderno". E muitos acordes alterados e dissonantes já povoavam obras de precursores como Garoto, Valzinho, Vadico, Radamés Gnatalli, Custódio Mesquita e mesmo Ary Barroso, ao lado de reformistas como Noel Rosa e Orestes Barbosa. Após a fase considerada do auge do movimento (1958-1965), a bossa continuou impávida, lembrando que Frank Sinatra gravou com Tom Jobim em 1967, e este lançou o megaclássico *Águas de março*, em 1972. Também foi em 1967 que o pioneiro Johnny Alf emplacou seu maior sucesso popular, *Eu e a brisa*, ainda que desclassificado no célebre Festival da TV Record daquele ano. João Gilberto mandou seu antológico "álbum branco" em 1973, e o icônico *Amoroso*, em 1977. E novas gerações continuaram ligadas no estilo, como a estrelinha pop americana Billie Eilish, da geração Z, que veio cantar seu *Billie bossa nova*, no festival Lollapalooza, de 2023. Samara Joy, revelação do jazz, aos 25 anos, esteve no Brasil a bordo de sua versão em português de *Chega de saudade*, em 2025. E a baiana de Vila da Conquista, Analu Sampaio, cantora e compositora de bossa nova, tinha apenas 14 anos quando começou a fazer shows com o pilar do movimento, Roberto Menescal, de 84, em 2022.

Você costuma dizer que a intenção do livro era provar a importância da bossa nova, por meio de fatos. De fato, o livro traz uma quantidade enorme de citações de nomes, discos, canções, ligações entre compositores e intérpretes e muitas entrevistas. Qual foi a dificuldade de organizar tudo isso de maneira que o livro não ficasse, também, uma espécie de enciclopédia?

Subdividi o livro em quatro eixos. Um é o central *João Gilberto*, como anuncia o título, e os outros três são *O ponto de fusão*, onde investigo como se chegou à bossa fundindo samba e jazz. E *O invólucro mágico*, uma dissecação de como uma gíria de época, que queria dizer apenas uma coisa diferente, fora do comum, nomeou um gênero e colou nele a tal ponto que hoje ninguém dissocia uma coisa da outra. O último eixo é *Amor de gente moça*. A partir do fabuloso título do songbook de Tom Jobim, gravado por Sylvia Telles, em 1959, eu arrolo as ligações (nunca estudadas) entre a bossa, o pop e o rock, com fartura de exemplos. Não me incomodo se o livro ficou uma espécie de enciclopédia. Nada contra. Ele pode ser lido, relido e consultado. Tive a pretensão de escrever algo mais consistente sobre o movimento, que foi tratado meio levianamente em algumas abordagens.

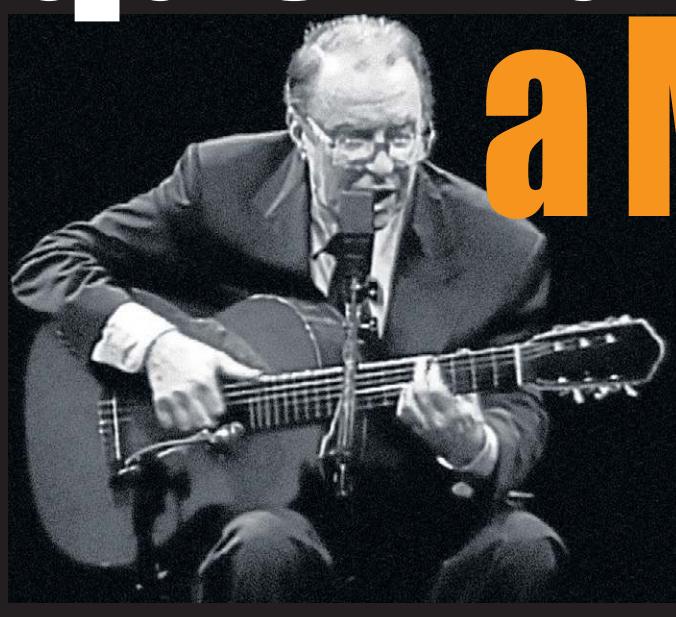
Você mesmo fala que João Gilberto não inventou a bossa nova, mas fez a síntese. Por que escolher João Gilberto como ponto de partida?

Exatamente por ter feito a síntese da bossa, além de ter sido, sob vários aspectos, a despeito de sua introversão, um militante. Foi ele quem trouxe Alaíde Costa para a turma da bossa e desviou os Novos Baianos de sua rota no rock psicodélico para uma fusão brasileira, que os projetou a partir de *Acabou chorare*. E, além de tudo, por ter sido um artista absolutamente genial que fundiu voz e violão de uma forma como nunca tinha sido feita antes, nem foi feita depois dele. Alguns tentaram imitá-lo (até o rei Roberto Carlos), mas desistiram, porque era impossível seguir um caminho tão particular e intransferível.

Bossa nova foi moda, com certeza, e popular. Mas chegou a sair de moda? Como a bossa nova é percebida hoje no meio musical e entre as novas gerações?

O modismo é sempre discutível e a bossa teve sua fase de febre, nomeando até o Juscelino Kubitschek um "presidente bossa nova". Mas ela se perenizou quando você vê a funkeira Anitta fundindo *Garota de Ipanema* ao *Piscinão de Ramos* em *Girl From Rio*; o rapper Marcelo D2 sampleando Luis Bonfá em *À procura da batida perfeita*. E o veterano Roberto Menescal, um bossa raiz, terçando cordas com o guitarrista Andy Summers do The Police. Sem falar no Iggy pop e na Sinead O'Connor gravando *Insensatez*. É bem possível que as novas gerações nem saibam que tudo isso é bossa nova, "isso é muito natural", como cantava o manifesto *Desafinado*.

A bossa que mudou a MPB



Arquivo: Sesc Audiovisual

Em livro e mais de 400 páginas, o pesquisador Tárik de Souza mergulha nas origens da bossa nova para mostrar que o movimento começou muito antes de virar moda e segue vivo na história da música mundial

» NAHIMA MACIEL

João Gilberto inventou a bossa nova, mas isso não veio do nada. O baiano de Juazeiro "alterou grande parte da cartografia da música popular brasileira" e fez isso graças a um terreno fértil cultivado durante décadas anteriores àquele 1958 em que apareceu, pela primeira vez, em uma gravação na qual apresentava a "batida bossa nova" acompanhando Elizete Cardoso no disco *Canção do amor demais*. É o fio da meada da bossa nova que Tárik de Souza se propôs destrinchar em *João Gilberto e a insurreição bossa nova: outros lados da história*, recém-lançado pela editora L&PM.

No livro, o pesquisador e jornalista faz um exausto levantamento da procedência dos bossanovaístas para mostrar o quanto o movimento extrapolou seu "estigmatizado campo geopolítico de atuação". "Dai o subtítulo *Outros lados da história*. Procuro expandir o conceito, documentando a conexão afro (muito pouco estudada), o ramal erudití, as canções de protesto e as 'canções de protesto contra as canções de protesto' (também nunca abordadas)", explica Tárik.

O livro tem João Gilberto como espinha dorsal, mas vai muito além: é praticamente uma biografia da bossa nova, muito completa, de

antes do nascimento ao pós-morte, uma tentativa de mostrar que o movimento não foi algo restrito à elite e aos apartamentos da zona sul carioca. Tárik conta que sempre quis fazer um livro sobre a bossa nova. Nos anos 1980, uma entrevista com o violinista Laurindo de Almeida, que morava nos Estados Unidos e veio ao Brasil, foi crucial para dar sequência ao projeto. "Foi ele o primeiro a tentar fundir o jazz e a MPB, a bordo de um quarteto instrumental, numa série de três discos, iniciada por Brislance, em 1953", conta Tárik.

Mas a entrevista concedida ao então jornalista, reproduzida no livro, foi muito amargurada, no tom de que tentou e não conseguiu encontrar o ponto de fusão que os bossanovaístas conseguiram. "A despeito da frustração com o resultado da entrevista, desde essa época fui acumulando vivência e pesquisa para fazer 'o livro'. Acho que consegui, apesar de algumas coisas terem ficado de fora, porque não paravam de surgir fatos ligados ao movimento. Prova de que a bossa continua viva e pulsando", explica o pesquisador, que conversou com o Correio sobre a importância da bossa nova para a música brasileira.

TÁRIK DE SOUZA
João Gilberto e a
INSURREIÇÃO
BOSSA NOVA
outros lados da história

TÁRIK DE SOUZA
LANÇA LIVRO SÓBRE
A BOSSA NOVA

JOÃO GILBERTO
E A INSURREIÇÃO
BOSSA NOVA

Outros lados da história. De Tárik de Souza. Editora L&PM, 440 páginas. R\$119,90